

Cancioneiro de Celorico de Basto

POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

*Ao Mestre insigne da Etnografia portuguesa, Senhor Professor
Leite de Vasconcelos, humilde e respeitosa homenagem.*

Nas férias grandes de 1932 vivi mais dum mês na vila de Celorico de Basto. Esta região é duma beleza quasi trasmontana, se bem que ainda faça parte da Província do Minho. A sua paisagem abrupta apresenta-nos panoramas duma larguíssima riqueza visual.

Foi nesta vila, situada nos confins do Minho, pertença do Distrito de Braga, a qual serve de fronteira a Trás-os-Montes pela Vila de Mondim de Basto, que fica já no Distrito de Vila Real, foi ali que eu ouvi cantar os rapazes e as raparigas as quadras com que organizei este cancionero.

Em pleno coração da vila existe uma histórica e tosca hospedaria, conhecida por Hotel Central ou melhor ainda por Hotel da Mota, nome este que tem a sua origem numa antiga proprietária. Foi neste edificio que o autor destas linhas teve ocasião de conviver com os tipos mais populares do lugar, apreciando o seu modo de viver simples e bom.

Justo é dizê-lo, que me receberam com uma simpatia sem limites, desde o mais humilde habitante até ao mais grado.

Esta gentileza permitiu que eu pudesse obter dados curiosísimos acerca da maneira de ser deste povo, tão diferente da do baixo Minho e especialmente com uma psicologia tão diversa da

gente de S. Simão de Novais (Vila Nova de Famalicão), que em tempo estudei.

De tôdas as pessoas, filhas do povo mais humilde, destacarei um curioso rapaz que me conseguiu uma preciosa colecção de quadras.

Vivo e esperto, com uma certa facilidade de escrever, foi um bom colaborador.

Habituação a ver os *progressos* porque tem passado S. Simão de Novais, onde o industrialismo vai destruindo tudo o que havia de característico dêstes sítios, foi com vivo prazer que me desloquei até uma terra ainda, relativamente, pouco atingida pelos chamados benefícios da civilização.

Pode dizer-se que o folclore, com o seu cortejo de hábitos, costumes, modos de viver e modos de ser da gente de S. Simão de Novais quási que desaparece. A doce cantiga popular, devido principalmente à invasão das fábricas, tem sido substituída pelas «coplas» mais imbecis das revistas da cidade. Por isso, tudo o que hoje se fizer para arquivar o que ainda resta do Cancioneiro do povo português, é um acto do mais alto nacionalismo. Quis Deus, repito, que Celorico não tivesse ainda sido vítima dos progressos da indústria, que, roubando a gente aos campos, não só lhes tira a saúde do corpo, mas também a do espírito. Tenho em mente fazer um dia, sabe-se lá quando, um estudo mais completo sobre as Terras de Basto. Por hoje pretendo apenas publicar, como contribuição ao Cancioneiro popular português, um Cancioneiro de Celorico de Basto. Terá perto de quatrocentas quadras e será, por assim dizer, a primeira série dum futuro e grande Cancioneiro desta região, pois que Celorico bem o merece pela riqueza de material que aí se encontra.

Não foi só entre a gente humilde, como atrás disse, que encontrei facilidades para levar a cabo a tarefa que me propus. Várias pessoas categorizadas de Celorico me prestaram informa-

ções. No entanto seja-me lícito destacar o nome do honrado celoriquense Ex.^{mo} Sr. Comendador Justino da Mota Ribeiro, pelos subsídios verdadeiramente importantes que me forneceu.

Quis conhecer a origem de Celorico e dos principais monumentos do seu Concelho, não sob o rigorismo científico da história, mas sim debaixo da fantasia da voz do povo.

Parece que Celorico de Basto é nome de remota antiguidade. Há quem afirme que Celorico tem a origem do seu nome nos seus primeiros habitantes, os «celorinos».

¿Terá o nome de Basto origem nos «bastianos» ou «bastios», da Andaluzia, que parece terem vindo até junto das margens do Tâmega?

Deixo êste problema aos historiadores para o resolverem.

O povo tem o direito de criar a lenda, para dar largas ao seu prodigioso génio inventivo.

Ao homem de ciência compete registar e interpretar os factos históricos, com o maior rigor, libertos de tudo aquilo que for pura fantasia. No meu caso, deixo-me ir ao sabor de informações que tive, sem cuidar da veracidade absoluta dos factos relatados.

E dito isto continuemos...

Faziam parte das «terras de Basto», antigamente, os Concelhos de Celorico, Mondim e Cabeceiras, confinando nos seus extremos com Amarante, Felgueiras e Barroso.

De tudo aquilo que em Celorico mais me impressionou, foi sem dúvida o Castelo, magnífico, vèlhinho, que, do cimo dum monte, domina uma paisagem cheia de cor e de imponente magestade. É o «Castelo dos mouros» para a gente daquelas redondezas...

¿De há quanto tempo datará o antigo e nobre Castelo de Celorico?

Parece estar averiguado que já existia no tempo dos romanos.

Contaram-me o seguinte episódio, que tem o seu quê de curioso:

O alcaide-mór do Castelo do tempo de D. Denis pretendeu entregar as chaves do Castelo à Rainha Mãe e, como ela não aprovasse a resolução, o alcaide, depois de ponderar bem o caso, optou pelo seguinte: pegar fogo ao Castelo e, ao mesmo tempo, descer para a povoação por uma corda, gritando: «Acudam ao Castelo de El-Rei que se queima!»

É assim que a gente do sítio explica o estado de ruína em que se encontra o Castelo. Foi D. Manuel I quem deu foral a Celorico de Basto.

Conta-se que, ainda noite fechada, de quando em quando, uma moura encantada chora e geme o seu encantamento.

Tive ocasião de, uma vez, depois da meia noite, me dirigir de automóvel ao Castelo para verificar a confirmação da lenda. O vento, batendo nas pedras castelãs, traduz, de facto, uma espécie de gemido, de lamentação. Eis talvez a origem da lenda, de tão transcendente beleza, que passo a relatar:

Um dia—há quantos séculos isso foi!—uma princezinha moura, doce e linda como são tôdas as mouras das lendas, apaixonou-se por um fidalgo cristão, forte e gentil. Namoraram-se longo tempo até que, um dia, o coração da princezinha sofreu duro golpe, quebrando a sua história de amor. O fidalgo deixou-a, para casar-se com uma donzela cristã. E nunca mais lhe apareceu. E a pobre moura, com tamanha dor, adoeceu e morreu. E os séculos foram passando... E a alma da moura, encantada, vive ainda no Castelo...

E ainda hoje, pela noite alta, se ouvem os queixumes daquela que morreu de amor.

¿E quem sabe se a chuva que tomba sôbre o Castelo não será feita das lágrimas da Princezinha encantada?

*

* *

Entremos agora, e já não é sem tempo, no estudo do Cancioneiro.

Vamos, através dêle, apreciar a sensibilidade, a maneira de ver, os hábitos e os costumes da gente dêstes lugares. Cada região tem características especiais, que se podem interpretar através dos doces cantares dos trovadores.

O Cancioneiro de Celorico de Basto é sem dúvida, rico, muito mais rico do que aquele que recolhi em S. Simão de Novais (Vila Nova de Famalicão).

Na sua quási totalidade, não se encontra proveniência erudita. É o povo, pelos seus poetas anónimos, que as constrói ao seu sabor e ao seu geito, não deixando dúvidas sôbre a sua origem. Algumas, muito raras, têm um cunho erudito; são possivelmente quadras de poetas conhecidos que foram assimiladas pelo povo.

Como será de prever, a grande maioria versa motivos de amor.

É curioso que, no meu Cancioneiro de S. Simão de Novais, se bem que a cantiga amorosa fôsse também a maioria, não se encontra ali aquela sensualidade brutal que é vulgar nos cantares das gentes de Celorico.

Dizia-me alguém que parece correr muito sangue árabe naquelas raparigas fortes, morenas e bonitas e nas veias dos rapazes escuros e bem construídos da região. Tenta assim explicar-se a sensualidade daquela gente. Mas não me parece exacto.

Não queiramos ver nessas môças de olhos negros e aveludados, castigadas pelo sol, e nêsses moços sádios a tragédia da sua sensualidade na sua cor morena-escuro. Não! A influência

árabe não se estenderia tanto para o Norte. Mais me parece que essa excitação genésica é devida ao amortecimento do espírito religioso, e que o segrêdo da transformação do carácter libidinoso desta gente estaria na propaganda religiosa inteligente e aturada, a qual, pelo correr do tempo, iria modificando a sua índole.

Justifica esta afirmação o número diminuto de quadras religiosas, o que contrasta com o Cancioneiro de S. Simão, onde elas se encontram abundantemente.

Nos costumes e nos hábitos há grande diferença, do baixo Minho para Celorico. Por exemplo: o conceito de propriedade é muito mais respeitado em terras de Basto do que em Famalicão.

Outra coisa que me chamou a atenção foi a forma garrida como as raparigas de Celorico, com os seus vestidos claros, com as faces còradas, respirando saúde por todos os poros, contrasta com as mulheres de S. Simão, que vestem quási sempre de preto, enfezadas e pálidas. Emfim, a obra das fábricas, que mataram a alegria e a beleza das mulheres de Famalicão. ¡Que diferença elas fazem das do tempo em que viviam no campo e só para o campo e nada mais!

*

* * *

É digna de registo a maneira como namoram as raparigas e os rapazes de Celorico; vou transcrever para aqui uma carta de amor dum namorado de Fafe para a sua mais que tudo, que vive em Celorico. Conservarei a linguagem tal como está escrita, sem lhe alterar uma virgula. Reza assim:

« Querido Amor

Sempre alenbrado. São raroz muito raroz os momentos em que o meu curacão deixa de palpitar portí.

Querido Amor Querido Amor xeu de saudades porte não dezer adeuz na festa do Santroquarto procuremos duas vezes vimos pai e mai que lhe eide

«chamar meu sogro e sogra Querido Amor alenbre-se das falas que le dei não são intrijisses não dichese de cartas são papeiz.
que alem de eu istar longe de longe faso perto só se a menina não não amor perfeito bira amor

Amor

Dezejava mandarlhe o meu retrato odepois de boce me prometese que Mandame o seu tambem que eu não sou intrujão. não? alem destar longe ãon não faso escrobo da minha palavra.

Menina aceite um abraço cheiu de saudades!

deste Seu amor que eide amar ate a Morte

Só se bose não quizer.

não se importe

de eu Ronper Sola;

que quem anda a gosto não cansa.

Amor. Amor! Só em me alenbiar Amor já meu Curacão já fica melhor.

Amor Querido

responda a estas du linha mal nutada que a vão encontrar de uma perfeita saude que a minha fica sendo boa graças a Deus.

Amor com isto adeuz.

adeuz-amor adeuz nãote cero macar maiz. espero bolta por correio o quanto mais brebe melhor. Se eu fico anciozo por resposta areceber Sem ter tua carta outra não posso escrever.

Baite carta nas azas do

Roissinol bai o meu amor maiz

lindo que ainda debaixo da

Roda do Sól

baite carta feliz carta nas ondaz do Mar

semcontrares o meu amor por mim bai falar».

Há nesta carta, escrita num português em que as mais elementares regras de gramática sofrem tratos de polé, qualquer coisa de curioso que está para além da rigidez gramatical. Quero referir-me ao muito amor que a distância da sua bem amada faz sofrer ao pobre coração apaixonado, e ainda à ingenuidade como está escrita e que tanto está em contradição com um ror de cantigas que colhi.

Aquêlê «Sempre alenbrado» de rapaz em plena crise de amor, que nunca esquece a sua querida namorada distante, tem um sabor bem característico. A tristeza profunda de não ter

podido dizer-lhe adeus na Romaria de S. Torcato em Guimarães, e a frase: «alembre-se das falas que le dei» são tão verdadeiras como o verdadeiro amor que lhe dedica, desmentindo o dito: «cartas são papeiz».

Mais além, ao dizer «de longe faso perto», vem demonstrar que a ausência só serve para aumentar, se isso é possível, o seu grande amor.

Aquêle «bira amor» é forma tão simples e tão doce de pedir licença para voltar a página da carta...

«Menina aceite um abraço cheio de saudades! deste Seu amor que eide amar ate a Morte». ¡Que rica imagem bem demonstrativa de característico lirismo português!

Aquela advertência à rapariga para que se não aflija por êle a ir ver, a-pesar-da distância que os separa: «não se importe de eu Ronper Sola que quem anda a gosto não cansa».

Finalmente as duas quadras tão singelas, tão saudosas com que fecha a epístola: «Baite carta»...

Que lhe perdoe Mestre Agostinho de Campos os graves êrros desta carta, pois o autor bem o merece pelo muito amor que exprime nas imagens tão simples, mas tão portuguesas, que o seu coração ditou. É o puro amor dos lusitanos...

*

* *

Quem se der ao trabalho de ler com atenção êste rosário de quadras encontrará verdadeiras maravilhas, a reflectir diversos aspectos da filosofia popular.

Encaremos alguns dêsses aspectos, apenas os mais importantes, para não aumentar em demasia êste estudo, que eu desejaria o mais claro e conciso possível.

O amor é sempre o grande cartaz, a grande preocupação

do trovador! ou êle não fôsse português! Se êste trabalho fôsse só parar às mãos de homens, ou exclusivamente para estudiosos, não retiraria dêste Cancioneiro algumas dezenas de cantigas de feição meramente obscena. Mas, como tal não sucede, deixarei para opúsculo especial essas quadras pornográficas.

Preguntava eu a razão porque algumas raparigas e mesmo mulheres casadas não tinham vergonha em responder ao cantador atrevido na mesma linguagem desbragada com que, nas cantigas ao desafio, eram solicitadas a replicar. Uma delas trouxe-me a explicação:

«Se tu ouves para te dizer,
Deves aprender para lhe responder».

Nas quadras de amor há vários estados de alma a interpretar. Vejam-se os mais característicos.

Na cantiga que vai ler-se, a namorada queixa-se, e com razão, do namorado ter ido sem ela à romaria, e nem sequer lhe ter trazido uma lembrança, como prova de a não ter esquecido:

Tu foste ao S. Torquato
Nem uma prenda me deste;
Nem os moiros da moirama
Faziam o que tu fizeste.

Encontra-se no Cancioneiro esta composição poética, que pela sua singeleza, impressiona:

O meu amor é moleiro,
Coitadinho, dorme só:
Passa noites em *quelaro*,
Encostadinho à mó.

Nesta agora mostra-se a vaidade do cantador e a sua basófia de conquistador:

Preguntei ao sol se viu
À lua se percebeu,
Às estrêlas se já viram
Coração igual ao meu.

Veja-se a emoção e a tristeza do poeta e a forma como traduz a sua saúde:

Vai-te carta venturosa
Responde, sabes falar:
Os olhos que te notaram
Estão fartos de chorar...

Tenho presentes algumas quadras em que uma ou mais raparigas, feridas no seu amor próprio, respondem altivamente:

Cuidavas que eu te queria?
Olha o toledo do mundo!
Os meus olhos já navegam
Por outro poço mais fundo.

Julgavas em me deixar
Qu'eu por ti deitava dó?
Há mais rapazes no mundo,
Não julgues que és tu só...

Cuidavas em me deixar
Haveria algum *desvelo*?
Tenho meu brio guardado
Para mais alto castelo.

Nesta vê-se que o poeta anda a ser solicitado pelo amor, o que êle explica duma forma pitoresca:

Ando rouco do meu peito,
Não é catarro nem tosse:
É o ladrão do amor
Que de mim quer tomar posse!

A falta de constância do homem é posta à prova nas seguintes cantigas:

Ó meu amor, não embarques.
Olha que o mar não tem fundo!
É como o amor dos homens
Que engana todo o mundo.

Os homens são como os lobos
Só lhes falta ter o rabo:
Aparec'às raparigas
Na figura do diabo.

Os namorados não esquecem e até anceiam a hora do encontro, para trocarem as suas doces palavras de amor:

Ó estrelinha do norte,
Agulha de marear!
Eu com ela me governo
Quando te quero falar...

¿ Não haverá aqui uma referência às antigas navegações dos Portugueses?

O amor que não é correspondido é recusado na seguinte quadra:

O Serpão é miudinho,
Não se pode atar aos molhos;
Amar a quem me não ama
É grande cegueira de olhos.

Também chega a sua vez aos amuos dos namorados. Senão leia-se:

O meu amor, coitadinho,
Anda de costas voltadas.
Se tem dor de cotovelo
Ponha-lhe urtigas pisadas.

Quando o amor é verdadeiro, a mínima sombra vem perturbar o coração dos namorados e, se Deus tiver de levar um deles, que os leve a ambos:

Esta noite sonhei eu
Tinha morrido meu bem;
Acordei, pedi a Deus,
Que me levasse também!

E ainda noutras surge o amor, puro e forte que está para além da própria vida:

Hei-de-te amar 'té à morte
Até depois de morrer:
Mesmo debaixo da terra,
Meu amor, podendo ser...

A alegria das raparigas não é leviandade, antes pelo contrário. Desconfiai sempre das mais caladas, pois são as peores:

Raparigas, cantai tôdas,
Guardai o que vosso é:
As que não cantam, nem dançam
Também lh'escorrega o pé...

A ironia não é esquecida também. Vejam-se os seguintes cantares:

Maria, linda Maria,
Tu és o meu ai-Jesus;
Quem me dera pôr a mão
Onde o lenço faz a cruz!

Eu sempre gostei de ver
As pernas às raparigas:
Se são grossas ou delgadas
Se são curtas ou compridas...

E, por aí fora, onde nós iríamos, se eu não promettesse de início retirar as cantigas pornográficas...

E, no amor, ponto final.

Passemos agora às quadras religiosas. Algumas há que têm um cunho duma grande beleza e dum perfeito misticismo:

A Senhora da Apar'cida
Apar'ceu na Barreirinha;
Ó que milagre tamanho!
Senhora tão pequeninha!

Ou ainda esta, duma suave inspiração:

Senhora da Conceição,
És das Santas mais bemditas,
Por teres altar no peito
Destas môças mais bonitas...

Uma vez por outra surge-nos uma quadra de sabor erudito:

Deus fêz de leite e de neve
A ondulação do teu seio;
A tua boca formosa
De um rubi partido a meio.

Elevados pensamentos traduzem muitas vezes as composições poéticas de quatro versos:

Ó alta serra da neve
Donde o penedo caiu!
Ninguém diga o que não sabe,
Nem afirme o que não viu!

É indiscutível que o honrado lavrador se destaca da profissão dos outros homens. Ser-se lavrador é por assim dizer um título de legitimo orgulho, com pergaminhos de muito e honesto labor:

Sapateiros não são homens,
Alfaiates também não:
Onde chega o lavrador
Bate o pé e treme o chão!

Não se diga que o poeta popular, perdido nas musas do amor, se esquece da sua Pátria e dos seus Heróis. Às vezes, quantas vezes, com desalento profundo, choram a desgraça do seu País ao desfazer-se em lutas mesquinhas e tristes. Vem a altura em que o poeta chora e descrê da salvação da Pátria e da sua eternidade:

Desgraçado Portugal,
Qu'ainda não ficas assim!
Quem me dera ser eterno,
Para ver teu triste fim!

Mas, de repente, como fôsse milagre de Deus, o poeta acorda da sua tristeza e vai cantar aquêles que foram grandes e que deram honra e glória à Pátria amada.

A ingratidão e o esquecimento ainda não entraram na alma generosa do povo português:

Ó D. Carlos de Bragança,
Filho de Luís Primeiro!
Hás-de vir p'la rua abaixo,
Para o pé do Paiva Couceiro!

Sidónio Pais, essa figura que iluminou uma época, também é focado na trova popular:

Ó grande Sidónio Pais,
Director da Rev'lução:
Não nos deixeis sofrer mais,
Rende a nossa divisão!

Esta quadra deve datar dos tempos calamitosos da Grande Guerra.

Depois vem a morte de Sidónio Pais, que tanto impressionou a mesma gente. E o poeta anónimo regista:

Em Lisboa, no Rossio
Pêrtinho da estação,
Mataram Sidónio Pais,
Director da Rev'lução.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, os heróis máximos da aviação portuguesa, também são cantados nas trovas populares:

O Sacadura Cabral
E mais Gago Coutinho
Foram ambos a voar
Nas asas dum passarinho!

Depois veio a tragédia que tirou a vida ao grande Sacadura Cabral, quando se perdeu o aeroplano nas brumas do mar do Norte:

Ó mar, que nas ondas levas
Uma pedrinha de sal!
Tu levaste e não trouxeste
O Sacadura Cabral!

Ó mar, que nas ondas levas
Uma casca de limão!
Tu levaste e não trouxeste
O nosso hidro-avião.

Muito longe nos levariam as citações, pois outras muito

curiosas devia apresentar. Mas tenho de finalizar e fecharei a série de Celorico de Basto com uma quadra muito bela:

Procurei a paz no mundo,
Fui ao cemitério e vi
Um letreiro que dizia:
Não há paz senão aqui!

NOTAS

Aparecem com muita frequência grande quantidade de moedas romanas em Celorico. Foram-me oferecidas algumas dezenas, as quais serão oportunamente estudadas. Devo a maior parte delas ao Sr. Comendador Justino Mota Ribeiro, a quem mais uma vez me confesso grato.

Estou plenamente convencido que uma série de escavações, bem orientadas, nêstes locais, produziriam importantes descobertas arqueológicas.

*

* *

Penso, em trabalhos futuros, encarar Celorico de Basto sobre outros aspectos, como sejam: sob o ponto de vista da sua história e da sua arqueologia. E aí farei largas referências bibliográficas.

No entanto, seja-nos lícito citar, além do estudo: *Excerptos históricos e genealógicos*, por Eduardo de Freitas, publicados no jornal *O Celoricense*, (1905), que tem um capítulo dedicado a Borba de Godim e Castelo de Celorico de Basto, os trabalhos muito importantes de Pedro Vitorino, sobre: *O Castelo de Celorico de Basto* (1 grav.), no *Arqueólogo Português*, vol. XIV, 1909, pág. 314; *O Castelo de Celorico de Basto* (2 grav.), em *O Norte*, Pôrto, 13 de Agosto de 1914; *S. Salvador de Ribas* (6 grav.), em *A Voz Pública*, Pôrto, 18 de Setembro de 1919; *Inscrição tumular de Arnoia* (1 grav.), na *Epigrafia portuguesa* ou *Arquivo Português*, vol. XXVI, 1923 e 1924, pág. 167; *S. Salvador de Ribas* (1 grav.), *Apolinea*, n.º 5, 1933. E ainda o livro muito curioso de Daniel Salgado, *Terra de Basto*, etc., 1933, Tip. Minerva, Vila Nova de Famalicão. Qualquer estudo honesto sobre esta região não dispensa a consulta destas supra-citadas obras.

*

* *

Ao meu querido amigo, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. Abel Salazar, sábio e artista na mais alta acepção da palavra, agradeço o primoroso desenho que ilustra esta obra.

*

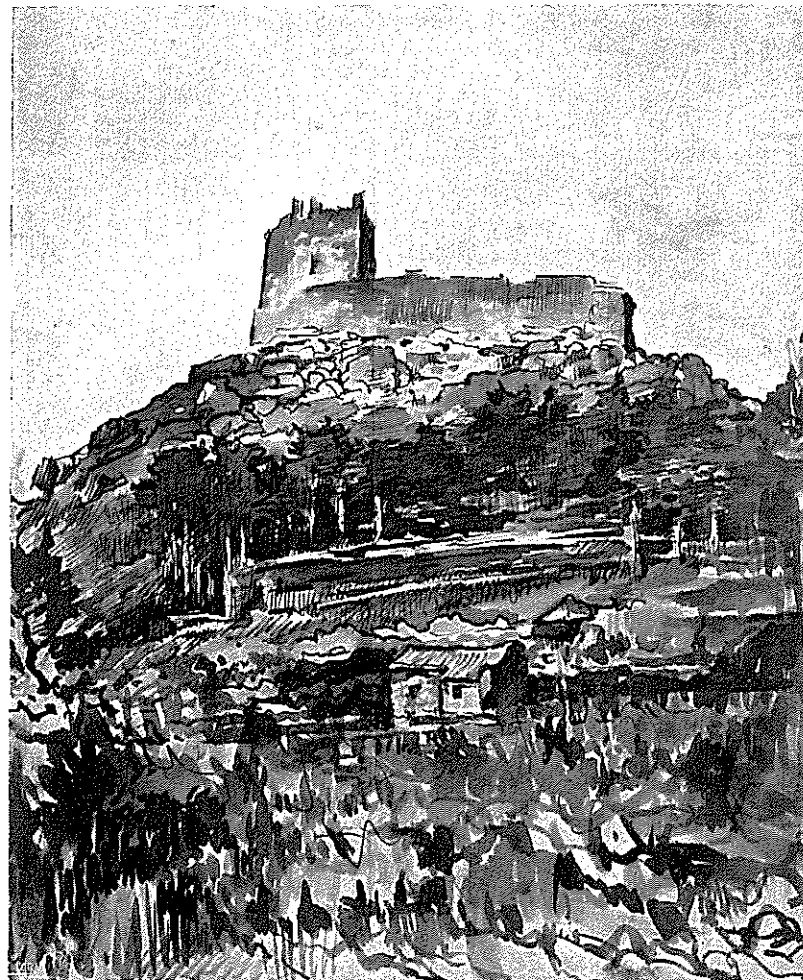
* *

Por amabilidade, que muito agradeço, o meu presado amigo e ilustre investigador Sr. Dr. Artur de Magalhães Basto conseguiu-me uma informação pre-

ciosa, que muito vem valorisar o presente trabalho. Trata-se da confirmação histórica duma lenda atrás citada (pág. 108), que é corrente em Celorico de Basto. (*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, tit. LV, in «Portugaliae Monumenta Historica», Scriptores, I, fasc. III, pág. 358).

Eis o curioso documento:

«E este Martim Vaasques de Cuyinha que já dissemos, padre de Vasco Martiins de Cuyinha e de Ruy Martiins de Nomaes que já dissemos, teue o Castello de Çellorico de Basto que era d'arras. e teneo em tempo delrey dom Dinis: e porque fez por el façanha muy boaz come muy boo caualeiro posemos em este liuro como passou pera saberem os boos que teuerem castellos e lhos nom quiserem filhar aquelles de que os tem, seemdo em paz e em assesego e sem cerco como cs podem leixar sem erro. Este Martim Vaasques foi o que teue o castello de Çelorico de Basto da rrainha por sas arras: veolhe a querer dar seu castello e ella disse que o dêsse a elrey dom Dinis seu filho e ella que lhe quitaua a menagem que lhe por elle tiinha feita: e el veo a elrey a dizer que filhasse seu castello e frontar-lhe muytas vezes, e elle nom lho queria filhar por querella que auia delle porque doestara huum bispo de Lixboa que era seu priuado que auia nome dom Domingos Jardo. E o caualleyro veemdo que lho nom queria filhar elrey per nenhuma guisa o castello ouue d'hir a Alemanha e a Lombardia e a Imgraterra e a França e a Çezilia e a Nauarra e a Aragon e a Castella e a Leom e preguntou todollos rreys e todollos príncêpes e a todollos homeens de todallas terras como poderia leixar aquell castello a seu saluo pois que lho elrey nom queria tomar: e todos lhe disserom que emtrasse no castello e que metesse huum gallo e a galinha e gato e cam e sal e uinagre e azeite e pam e farinha e uinho e agua e carne e pescado e ferradura e crauos e beesta e seetas e ferro e baraço e lenha e móos e alhos e çebollas e escudo e lança e cuytello ou espada e capello ou capellina e caruom e folles de ferreyro e fozil e isca e pederneira e pedras per çima do muro, e que fizesse fogo em huuma das casas em guisa que see veesse a saluo, e depois que todo esto fizesse que possesse todos fóra do castello e que ficasse el dentro e que çarrasse as portas e as tapasse de dentro do castello, e depois que sobisse no muro e que atasse huum baraço em huuma das ameas e que se saísse pello baraço em huum çesto, e depois que atasse no cabo do baraço huuma pedra ou huum çepo em guisa que tornasse o baraço dentro per çima do muro, e depois que sse acolhesse a huum cauallo e que fosse dizemdo per tres freeguesias «acorrede ao castello delrey que sse perde, acorrede ao castello delrey que sse perde», e quando fosse per estas tres freeguesias assy dizemdo que nunca parasse mentes tras ssy. E este conselho lhe derom e lhe mandarom que assi o fizesse e os rreys e outros príncêpes e altos senhores e homens filhos d'algos a que elle preguntou, e diziam os rreys todos e cada huum delles que se elrey de Portugall pisesse que o caualleiro nom fazia direito em esto e o que deuia, que cada huum delles lhe meteria as mãaos; e esto meesmo deziam os altos senhores princepes e duques e comdes e altos homeens; e o comde dom Gomçallo que



Castelo de Arnóia (Celorico de Basto), segundo um desenho do Prof. Abel Salazar

entom era e outros homens boos e rricos que em Portugall auia se quisessem dizer que o caualeiro nom fazia dereito, que elles lhe meteriam as mãaos : e esto meesimo deziam os caualeiros e filhos d'algo das outras terras aos filhos d'algo de Portugal que lhes meteriam as mãaos se dissessem que o caualleiro nom fezera dereito. E todo esto trouxe Martim Vaasquez por escripto e assiinado per mãaos de notairos das terras, e trouxe cartas dos rreis e dos príncipes e dos altos homeens sobre esto assiinadas por elles. E este Martim Vaasques da Cuy-nha leixou o castello de Çellorico pella maneira que lhe mandarom os rreis e outros altos homeens, e fez dous boos feitos que nunca foram feitos em Espanha pera poderem os fidaligos leixar os castellos sem vergonha quando lhos nom quizerem tomar aquelles de que os teem. Esta boa façanha ficou pera sempre».

Cancioneiro de Celorico de Basto (1)

1
A açucena c'o pé n'água
Dura mais quarenta dias;
Eu sem ti, nem uma hora
Quanto mais anos e dias...

2
Abaixai-vos, serras altas
Eu quero ver Carvalheira;
Quero ver o meu amor
Debaixo duma roseira.

3
A barra da minha saia
Foi você quem m'a queimou
Com a ponta do cigarro,
Quando comigo falou.

4
Abre-te, campã adorada!
Minha amada quero ver;
Quero-lhe beijar o rosto
Antes da terra o comer.

5
Adeus ó Penafiel,
Adeus ó pena da pena!
Eu também tenho a minha,
Ou maior ou mais pequena.

6
Adeus ó Penafiel,
Ó igreja do Calvário!
Por causa do meu amor
Passo aqui um fadário.

7
Água do rio, clara,
Deixa passar a barrenta;
Coração de pedra dura
Cai ao chão, não arrebenta.

8
Águas do mar abrandai,
Que eu quero caçar um peixe;
Eu quero deixar amor
Antes que o amor me deixe.

(1) Para mais fácil confronto com outras colectâneas, foram dispostas estas quadras por ordem alfabética.

9
 Ai de mim, ai de você,
 Ai de nós ambos e dois!
 Ai de mim primeiramente
 Ai de você ó depois!

10
 Ainda depois de morta,
 Onde meu corpo repousa,
 Acharás teu nome escrito
 Debaixo da fria lousa!

11
 Alfádega é o rei dos cheiros,
 Segurelha o meu preceito;
 Hei-de te amar 'té à morte:
 Essa jura tenho feito.

12
 Altas torres têm teu peito,
 Eu não posso lá entrar:
 Bem poderas tu, menina,
 Altas torres abaixar...

13
 Alto pinheiro redondo
 No cimo tens grande *c'rucha*;
 'Stou à beira do pomar,
 Não posso comer a fruta.

14
 Amores, ao longe ao longe,
 Que ao perto quem quer os tem;
 Quanto mais ao longe ao longe,
 Mais, amor, te eu quero bem.

15
 A mulher enquanto é nova
 É um braço de loucura;
 Depois que vai para velha
 Nem o diabo a atura.

16
 Anda-me ver à janela,
 Da janela tabuleiro;
 Anda ver a triste vida
 Que passa um rapaz solteiro.

17
 Ando rouco do meu peito;
 Mal haja a rouquidão,
 Que me não deixa cantar
 A minha satisfação.

18
 Ando rouco do meu peito;
 Não é catarro, nem tosse:
 É o ladrão do amor
 Que de mim quer tomar posse.

19
 Anel de ouro não é prenda
 Nem o de prata lembrança;
 Anel de contas miúdas
 Requer tôda a confiança.

20
 À noite, quando me deito,
 A Deus peço, a chorar,
 Que me mate num momento
 Para te eu poder deixar.

21
 Ao passar do ribeirinho
 Quebrei a minha viola;
 Fui juntar os cacos todos
 Para fazer uma nova.

22
 Ao teu quarto eu trepei
 P'ra roubar teu coração;
 Gritaste aqui del-rei...
 Fiquei prêso por ladrão!

23
 A rosa depois de sêca
 Foi-se queixar ao jardim;
 O cravo lhe respondeu:
 Tudo o que nasce tem fim...

24
 A rosa depois de sêca
 Por todos é desprezada;
 A *felor* que cai ao chão
 Até aos pés é calcada.

25
 A salsa do meu quintal,
 As pedrinhas do teu muro:
 Aqui 'stão as testemunhas
 Das vezes que t'eu procuro.

26
 As asas dos passarinhos
 Foram feitas p'ra voar;
 Os corações das donzelas
 Foram feitos para amar.

27
 A Senhora da Apar'cida
 Apar'ceu na Barreirinha;
 Ó que milagre tamanho!
 Senhora tão pequeninha!

28
 A Senhora do Sãmeiro
 Tem um manto que reluz,
 Que lhe deu um brasileiro,
 Que se viu no mar sem luz.

29
 As estrelas miudinhas
 Trazem o Céu bem composto.
 Nunca contigo, menina,
 Pude falar a meu gôsto!

30
 As lágrimas e as saúdades
 São irmãs que nascem juntas:
 Sôbre as nossas esperanças
 No mundo jazem defuntas.

31
 As ondas do mar dão saltos
 Dão saltos como cabritos;
 Também eu, por tua causa,
 Saltarei aos infinitos.

32
 As ondas do mar são brancas,
 No meio são amarelas:
 Coitadinho de quem ama
 P'ra morrer no meio delas.

33
 As ondas do mar são verdes,
 No meio são amarelas;
 Ai duma mãe, que criou
 Um filho p'ra andar nelas!

34
 As telhas do teu telhado,
 As pedrinhas do teu muro
 Hão-de ser as testemunhas
 Das vezes que te eu procuro (1).

35
 As telhas do meu telhado
 Deitam água sem chover;
 O meu triste coração
 Alegra-se em te ver.

36
 Atiraste ao meu peito,
 A parte mais delicada;
 Quem ao meu peito atira
 Pouco bem me quer ou nada...

37
 A viola quer qu'eu cante,
 A prima quer qu'eu padeça;
 O tocador da viola
 Quer qu'eu por êle endoideça.

38
 Bota-me daí os olhos,
 Amor, de quando em quando,
 De modo que não perceba
 O povo que está no bando...

(1) Cf. N.º 25.

- 39
Campa é terra sagrada
É de todos triste leito;
Já morreu a minha amada,
Trago luto no meu peito.
- 40
Canário, lindo canário
Canário lindo, meu bem,
Quem me dera ter as penas
Que o lindo canário tem...
- 41
Candeia que não dá luz
Não se espete na parede;
O amor, que não é firme,
Não se faz mais caso dêle.
- 42
Cantigas ao desafio
Comigo ninguém as cante;
Eu tenho quem m'as ensine:
O meu amor é 'studante.
- 42
O teu amor é 'studante
O meu anda no estudo:
O meu 'studa p'ra doutor
O teu estuda p'ra burro.
- 43
Carta vai, carta me leva,
Segue lá minha ilusão:
Vai dizer à minha amada
Que me encontro na prisão.
- 44
Carta vai, carta me leva,
Segue lá o meu destino:
Vai dizer à minha amada
Que me encontro aqui prezinho.
- 45
Chamaste a meu pai teu sogro,
À minha irmã, cunhada?
Nem o meu pai é teu sogro,
Nem a minha irmã t'ê nada.
- 46
Chamaste à minha bôca
Gaiola dos passarinhos;
Eu também chamo à tua
Gaiola dos meus beijinhos.
- 47
Chamaste ao meu cabelo
Canavial de Viana;
Eu também chamo ao teu
Que é de prender quem ama.
- 48
Chamaste ao meu cabelo
Dobadoira de dobar;
Também eu chamo ao teu
Sarilho de ensarilhar.
- 49
Combóio arrasta, arrasta,
Combóio arrastador:
Levaste e não trouxeste
Da marinha o meu amor.
- 49
Da marinha o meu amor...
Eu também sou marinheiro:
Só te peço que me leves
Para o Rio de Janeiro (1).
- 50
Com pêna peguei na pêna,
Com pêna, p'ra te escrever:
A pêna caiu-me ao chão
Com pêna de te não ver.

(1) Esta réplica foi ouvida a uma rapariga de Penafiel.

- 51
Coração por coração,
Amor, não troques o meu:
Sabes que o meu coração
Sempre foi leal ao teu.
- 52
Cravo branco da janela,
Criado à revelia!
Quem quer bem, trata por tu:
Amor não tem senhoria.
- 53
Cravos brancos à janela,
Meninas, não os ponhais;
Dá-lhes o vento, balançam:
Eu cuido que me acenais.
- 54
Cravos roxos à janela
Meninas, não os ponhais;
Dá-lhes o vento e eles bolem:
Dirão que vós me acenais...
- 55
Cuidavas em me deixar
Haveria algum desvelo?
Tenho meu brio guardado
Para mais alto castelo.
- 56
Cuidavas que eu te queria,
Minha pereira abanada?
Tôda a vida trouxe e trago
Tôda a mulher enganada...
- 57
Cuidavas que eu te queria?
Olha o toledo do mundo!
Os meus olhos já navegam
Por outro pôço mais fundo.
- 58
Da minha janela à tua,
Do meu coração ao teu,
Podia andar um barquinho:
O navegador sou eu...
- 59
Da minha janela à tua,
Do meu coração ao teu,
Vai um tiro de espingarda:
Quem o dispara sou eu.
- 60
Da minha janela à tua
É o salto duma cobra;
Inda espero de chamar
À tua mãe minha sogra.
- 61
Das lágrimas faço contas
Que eu rezo às escuras;
Ó, morte, que tanto tardas!
Ó, vida, que tanto duras!
- 62
De domingo a domingo
Me parecem três semanas,
Que te não vejo, amor;
Ó que saudades tamanhas!
- 63
Deixa-me ir dormir contigo,
Que uma noite não é nada:
Eu entro com o escuro
E saio na madrugada...
- 64
Deixa-me ir, que levo pressa,
Ao freixo tirar o ninho:
Está o cano a quebrar
C'o pêsco do passarinho.
- 65
Deixa-me ir, que levo pressa,
Levo água de regar:
Amanhã é dia santo
Temos tempo de falar...
- 66
Desgraçado Portugal,
Qu'ainda não ficas assim!
Quem me dera ser eterno,
Para ver teu triste fim!

67

Deste ao noivo adorado
Três cravos para Jesus ;
Com três cravos foi pregado
Com muito amor na cruz.

68

Deste-me uma pêra verde,
Para eu amadurar ;
O que é verde, verde fica :
Tu querias-me enganar.

69

Deus fêz de leite e de neve
A ondulação do teu seio ;
A tua bôca formosa
De um rubi partido a meio.

70

De vermelho veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

71

Dizem que não pode ser
Silva verde dar um cravo ?
Aqui o trago ao peito
Da mesma silva cortado.

72

Em Lisboa, no Rossio,
Pertinho da estação,
Mataram Sidónio Pais,
Director da Rev'lução.

73

Ergue o chapéu para cima,
Não o tragas derribado ;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.

74

Escrevia-te uma carta,
Se a tu subesses ler ;
Mas tu vais dar a outro
Meus segredos a saber.

75

Escrevi na branca areia
O retrato do meu bem ;
Tornei-o a riscar fora,
Porque não estava bem.

76

Ês linda, posso dizer,
Ês de tôdas mais formosa ;
Os teus cabelos são loiros
Tuas faces côr de rosa.

77

Êsses teus cabelos loiros
Pelas costas ao comprido
Parecem fics de oiro
A martelos rebatido.

78

Esta noite sonhei eu
Contigo, minha beleza ;
Acordei, achei-me só :
Em sonhos não há firmeza !

79

Esta noite sonhei eu,
Na outra sonhado tinha,
Qu'estava na tua cama :
Acordei, 'stava na minha !

80

Esta noite sonhei eu
Tinha morrido meu bem ;
Acordei, pedi a Deus
Que me levasse também !

81

Esta palavra saüdade,
Aquêle que a inventou
A primeira vez que a disse,
Com certeza que chorou...

82

Estas meninas d'agora
São poucas, mas são valentes :
Pegam nas pias dos porcos
Atravessadas nos dentes.

83

Êste mundo é, donzela,
Todo cheio de ilusão :
Por poucos dias de vida
Não mates teu coração.

84

Estes mocinhos d'agora
Cuidam que são e não são ;
São como o ouriço chocho :
Dá-lhe o vento, cai ao chão.

85

Estes rapazes d'agora,
Franganitos de vintém,
Prometem dez réis às almas,
A ver se a barba lhes vem.

86

Escrevi teu lindo nome,
Pus-me com êle na mão :
P'ra o não perder, guardei-o
Dentro do meu coração.

87

Escrevi teu lindo nome
Sôbre a areia fugidia ;
Veio o vento, apagou
As cinco letras: Maria.

88

Ês uma cruz que alveja
Em linda noite ao luar :
Quem me dera ser o Cristo,
P'ra nessa cruz me pregar...

89

Eu atrás das pulgas,
Elas aos saltinhos ;
Não te posso amar,
Sem te dar beijinhos...

89

Sem te dar beijinhos,
Não te posso amar ;
Eu atrás das pulgas,
Elas a saltar.

90

Eu comprei uma sopeira
Por trinta réis de canela ;
Mande-i-a aparelhar
E pus-me a cavalo nela.

91

Eu comprei um chapéu branco
P'ra aprender a namorar ;
O chapéu branco rompeu-se,
O amor vai-se acabar.

92

Eu sou como a borboleta
Que seguiu a luz tirana :
De repente caiu morta.
Ê infeliz o que ama.

93

Eu fui dos que disse ao sol
Que não tornasse a nascer :
Tendo a luz dos teus olhos
Mais sol não quero eu ver...

94

Eu fui uma das que disse :
Ou contigo, ou co'a terra !
Ou hei-de casar contigo,
Ou hei-de morrer donzela...

95

Eu hei-de ir à romaria,
Que me hei-de regalar,
Com cinco réis de tremoços
Que o meu amor me vai dar...

96

Eu hei-de subir ao alto,
Ao mais alto que eu poder :
Ao mais alto ramalhinho
Qu'a oliveira tiver.

97

Eu já vi Lisboa a arder,
As pedrinhas a estalar ;
Eu já vi uma menina
Pelo seu amor chorar.

- 98
Eu não torno a Amarante
Nem de noite, nem de dia;
Roubaram-me o meu amor:
Era o que eu mais pretendia...
- 99
Eu não torno a Amarante
Que escorrego no Covelo;
Só se fôr agarradinho
Às ondas do teu cabelo...
- 100
Eu nunca te dei motivos
Para de mim duvidar;
Meu amor é sempre firme:
Escusas de te queixar...
- 101
Eu o cravo, tu a rosa,
Qual de nós se estima mais:
Os cravos pelas janelas,
As rosas pelos quintais?
- 102
Eu quero bem ao cigarro
Que me custa o meu dinheiro:
Em certas ocasiões
Serve-me d'alcoviteiro...
- 103
Eu sempre gostei de ver
As pernas às raparigas:
Se são grossas ou delgadas
Se são curtas ou compridas...
- 104
Eu sempre ouvi dizer
Ao lavrador da cidade:
Quem semeia em boa terra
Colhe boa novidade.
- 105
Eu troquei meus olhos pretos
Por outros acastanhados:
Agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados...
- 106
Filomena, dá-me um beijo,
Que eu venho da confissão!
Um beijo não é pecado
Se o dá o coração...
- 107
Foste ao correr da água,
Meu amor, fizeste bem;
A água vai e não torna:
Assim tu fôsses também...
- 108
Fui à fonte beber água,
Bebi, tornei a beber;
Nem meu coração se enfada,
Nem meus olhos, em te ver.
- 109
Fui à fonte dos amores,
Tomei pela dos cuidados,
Enchi o cânt'ro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.
- 110
Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio p'ra te falar:
Nem na fonte, nem no rio
Nunca te pude encontrar.
- 111
Fui ao arco da Igreja
Dar a mão à liberdade.
Era vário do juízo
Quando te fiz a vontade...
- 112
Fui ao jardim passear
P'ra espalhar a minha dor:
Encontrei o teu retrato
Na mais mimosa *felor*.
- 113
Fui ao mar buscar beijinhos
Numa bandeja de prata;
Tomar amores não custa,
Mas deixa-los é que mata...

- 114
Fui ao S. João a Braga
Dei a volta ao Bonfim,
Vi tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.
- 115
Fui ao S. João a Braga
Fui à volta, vim direito,
Encontrei o S. João
C'um ramo d'ourc ao peito.
- 116
Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre:
A água me respondeu:
Quem tem amores não dorme!
- 116
Quem tem amores não dorme
Quem os tem não adormece;
Eu tenho amor e durmo:
Meu amor nunca me esquece...
- 117
Fui morta, crucificada
Por todos os meus trabalhos;
Fui casada, desonrada,
Causadora de baralhos.
- 118
Fui passear ao jardim,
P'ra 'spalhar a minha dor:
Encontrei o teu retrato
Na mais brilhante *felor* (1).
- 119
Hei-de te amar 'té à morte
Até depois de morrer:
Mesmo debaixo da terra,
Meu amor, podendo ser...
- 120
Inda que o lume s'apague,
Na cinza fica o calor:
Inda qu'o amor se ausente
No coração fica a dor.
- 121
Já comi, e já bebi,
Já molhei minha garganta;
Eu sou como o rouxinol:
Quando bebe logo canta...
- 122
Já fui canário do rei,
Já lhe cantei na gaiola;
Agora sou pintassilgo
Destas meninas de agora.
- 123
Já fui mar, já fui marinha,
Já fui meio marinheiro;
Já tive amores de graça:
Agora nem por dinheiro...
- 124
Já á muito qu'as tuas falas
Não tinham grande calor;
Porque era noutro tempo,
Quando me tinhas amor.
- 125
Já me davam dez milreis
E uma pipa de azeite,
P'ra casar c'uma donzela
Qu'há dez anos dava leite...
- 126
Já morri, já me enterraram;
Não me quis comer a terra.
Tornai-me a desenterrar
Ver se ainda sou quem era.

(1) Cf. N.º 112.

- 127
Janela de pau de pinho,
De pau de pinho janela!
Quem me dera dar um beijo
Em quem 'stá em cima dela...
- 128
Janela de pau de pinho,
Quebrada te veja eu!
Que daí tanto m'encobres
Um amor que já foi meu.
- 129
Janela, qu'estás fechada,
Só para mim te abriste;
Torna-te a fechar, janela,
Faz, amor, que me não viste.
- 130
Janelas avarandadas
Só o meu amor as tem;
Hei-de mandar fazer umas
Avarandadas também...
- 131
Já por aqui não passeio,
Já o caminho ganhou ervas;
S'eu viver e tu viveres,
Hei-de ver em quem t'empregas.
- 132
Já te quis, já te não quero,
Já te perdi a afeição:
Já te deitei de arremêço,
Fora do meu coração.
- 133
Julgavas em me deixar
Qu'eu por ti deitava dó?
Há mais rapazes no mundo,
Não julgues que és tu só...
- 134
Julgavas em me deixares
Qu'eu de paixão morreria?
Vai-s'um amor e vem outro:
Vivo na mesma alegria...
- 134
Julgavas que eu te queria,
Ó meu preto do inferno?
Não há água que te lave,
Nem no pino do inverno.
- 135
Julgavas que eu te queria
Por me rir quando te vejo?
Foi geito que Deus me deu,
Que p'ra mim não te desejo.
- 136
Jura amor, juramos ambos,
Faz uma jura bem feita:
Jura que me hás-de dar,
Na igreja, a mão direita.
- 137
Lá te mandei um raminho:
Leva silva, que é prisão.
Também leva cravo roxo:
É sinal de afastação.
- 138
Manjerição da janela,
Já te podes ir secando:
Quem te regava morreu,
Eu já me vou enfadando.
- 139
Manjerição da janela,
Meu coração foi teu vaso!
Tomaste novos amores,
Já de mim não fazes caso.
- 140
Maria foi a primeira
Que no meu peito entrou:
Há-de ser a derradeira,
Juro à fé de quem sou!
- 141
Maria, linda Maria,
Tu és o meu ai-Jesus;
Quem me dera pôr a mão
Onde o lenço faz a cruz!

- 142
Maria, por Deus te peço,
Por Deus te mando pedir,
Que me dês teu coração
E a chave, p'ra o abrir.
- 143
Maria, teu lindo nome,
Linda sorte te há-de dar:
Nem hei-de casar contigo,
Nem te hei-de deixar casar!
- 144
Maria, tu és na terra,
O qu'os anjos no Céu são:
Se tu morresses, Maria,
Morria o meu coração...
- 145
Menina, anda comigo,
Deixa a mãe que te criou:
Por muito que t'ela dê
Não te dá o que t'eu dou...
- 146
Menina, que'stá à janela,
Comendo queijo e trigo!
Dê-me cá um bocadinho,
Senão zango-me consigo.
- 147
Menina, que'stá à janela,
Comendo trigo e queijo!
Faça da boca pistola
Atire-me com um beijo...
- 148
Menina, que'stá à janela,
Com seu relógio à cinta!
Diga-me que horas são,
Fale verdade, não minta.
- 149
Menina, que'stá à janela,
Olhando para quem passa!
Tem olhinhos de cadela:
Venha comigo à caça...
- 150
Meu amor, anda-me ver
Às grades desta prisão:
Meu corpo com frio gêlo,
Minha cama é no chão...
- 151
Meu amor disse que vinha
Quando a lua viesse:
A lua já acolá vem
Meu amor não aparece...
- 152
Meu amor, não vivas triste,
Vive alegre se poderes,
Que algum dia será teu
O que tu agora queres...
- 153
Meu amor, quero-te tanto,
Que não to dou a mostrar;
Não te quero causar pena,
Nem ao mundo que falar.
- 154
Meu amor, se tu te fores,
Diz-me a quem eu hei-de amar:
Não ames a mais ninguém,
Qu'eu, se fôr, hei-de voltar.
- 155
Meu amor, vai-te deitar,
Vai dormir, que eu já dormi:
Agora vai-te gabar
Que eu, de inocente, caí!
- 156
Meu amor, vou-te deixar
Como a água deixa a fonte:
Inda te hei-de ver chorar
Bagadas de monte em monte.
- 157
Meus senhores, venham ver
Coisa que nunca se viu:
Minha gata pôs um ôvo
Minha galinha pariu!

158

Minha sogra morreu ontem,
Deus a leve ao Paraíso;
Deixou-me uma manta velha:
Não posso chorar com riso...

159

Minhas lágrimas são contas
Que eu rezo às escuras.
Ó, morte, que tanto tardas!
Ó, vida, que tanto duras!

160

Moro à beira do mar,
Moro mesmo à beirinha:
Da janela do meu quarto
Vejo saltar a sardinha.

161

Morte, se agora viesses,
Quanto te eu agradecera;
Que me tirasses do mundo
Antes que o aborrecera.

162

Muitas máguas me consomem,
Uma só me faz cismar:
Morrendo o último homem
Quem o há-de enterrar?

163

Não ames, ou ama sempre,
Era melhor nunca amar:
O amor começa a rir
Acaba sempre a chorar!

164

Não calcufas, meu amor
A dor do meu coração;
Mais me valia morrer
Que sofrer tanta paixão!

165

Não olhes p'ra mim, não olhes,
Que eu não sou o teu amor:
Eu não sou como a figueira
Que dá frutos sem *fetor*.

166

Não posso andar descalça
Que me picam as areias;
O meu amor 'inda ganha
Para sapatos e meias.

167

Não quero amor bonito
Nem de caracóis na testa:
Eu não quero ser a árvore
Onde o cuco faz a festa...

168

Não vou falar das mulheres,
Que a mim não me convém,
Porque eu gosto ricamente
De uma coisa que elas têm!

169

Na Senhora d'Apar'cida,
Numa pedra me assentei:
C'o sentido no amor
Nem a 'smola à Santa dei...

170

Nem meu pai, nem minha mãe
Não querem que te eu logre;
Queira eu e queiras tu,
Contra o amor ninguém pode...

171

No mar largo anda a guerra;
Eu bem ouço dar os tiros:
Eu bem ouço combater
Os teus ais c'os meus suspiros.

172

No meio daquêle campo
Lá no meio nada o peixe;
Nos dias que te não vejo
Não há saúdades que *deixe*.

173

Nossa Senhora da Graça,
Eu aqui 'stou a chegar:
Botai-me as vossas bênçãos
Lá de cima do altar.

174

Nossa Senhora da Graça!
Eu p'ra o ano lá hei-de ir,
Ou casado, ou solteiro,
Ou criado de servir.

175

Nunca vi figueira preta
Dar os figos bacorinhos;
Nunca vi mulher donzela
Dar de mamar aos filhinhos.

176

Ó *acipreste* do adro,
Não ensombres a Igreja!
Bem ensombradinho anda
Quem não logra o que deseja...

177

Ó *acipreste* do adro
Retiro dos passarinhos!
A quem deste os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos...

178

Ó alta serra da neve
Donde o penedo cafu!
Ninguém diga o que não sabe,
Nem afirme o que não viu.

179

O amor e o dinheiro
São dois amantes leais;
Quando o coração tem penas
Os olhos dão os sinais.

180

O amor é uma criança
Que connosco vem brincar:
Canta, ri, salta e dança,
E por fim faz-nos chorar!

181

O anel que tu me deste
Á saída de Amarante,
Era-me largo no dedo;
Dei-o a outro amante.

182

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou;
A amizade que me tinhas
O anel a demonstrou.

183

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou;
Assim dure a tua vida
Como o anel durou.

184

O anel que tu me deste,
Eram horas da Trindade,
Era-me largo no dedo,
Apertado na amizade.

185

O anel que tu me deste
Trago-o no dedo mendinho:
Cada vez que tu me lembras,
Manuel, dou-lhe um beijinho...

186

O chapéu que o amor cobre
Tem presilha de metal;
Prometo de te ser firme,
Se tu me fores leal.

187

Ó coração retraído,
Diz-me com quem te divertes!
Com quem passas o teu tempo,
Que tanto de mim te esqueces?

188

O cravo depois de sêco,
Depois de sêco, mirrado,
Foi-se queixar ao jardim,
Que não qu'ria ser mais cravo.

189

O cravo, depois de sêco,
Foi-se queixar ao jardim;
A rosa lhe respondeu:
Tudo por tempo tem fim.

190
O cravo tem vinte fôlhas,
A rosa tem vinte e uma:
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

191
Ó D. Carlos de Bragança,
Filho de Luís Primeiro!
Hás-de vir p'la rua abaixo
P'ra o pé do Paiva Couceiro.

192
Ó, élo da videirinha!
Põe-te a pé, dá-me um abraço,
Qu'eu nunca fiz a ninguém
Meiguices que a ti te faço.

193
Ó estrelinha do norte,
Agulha de marear!
Eu com ela me governo,
Quando te quero falar...

194
O fado é um ladrão
Roubador do meu dinheiro;
Hei-de te mandar prender
Às grades do Limoeiro.

195
Ó grande Sidónio Pais
Director da Rev'lução,
Não nos deixes sofrer mais,
Rende a nossa Divisão!

196
Ó, ingrata, tu já dormes,
Tu dormes e não suspiras?
Se me tivesses amor,
Suspiravas, não dormias...

197
Ó lampeão da esquina,
Alumia cá p'ra baixo!
Eu perdi o meu amor,
Às escuras não o acho.

198
Olhos brancos, olhos pretos
Olhos azúis, olhos verdes:
Essas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vêdes.

199
Olhos pretos, sonhadores,
Porque vos não confessais
Dos delitos que fazeis,
Dos corações que roubais?

200
Oliveira de pé torto,
Hei-de te mandar cortar,
Que me tiras os acenos
Que meu amor me quer dar.

201
O loureiro é pau verde,
Quando chega ao lume, estala;
Assim é meu coração,
Quando para o teu não fala.

202
Ó, luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo!
'Stou à porta de quem amo
Não posso entrar contigo.

203
Ó mar, que nas ondas levas
Uma casca de limão:
Tu levaste, e não trouxeste
O nosso hidro-avião!

204
Ó mar, que nas ondas levas
Um bem que eu tanto adoro!
Se levas fartura de água,
São as lágrimas qu'eu choro.

205
Ó mar, que nas ondas levas
Uma pedrinha de sal!
Tu levaste e não trouxeste
O Sacadura Cabral...

206
Ó menina, dê-me, dê-me,
Eu não lhe peço dinheiro:
Peço-lhe o seu anho preto
P'ra turrar c'o meu carneiro.

207
Ó menina, dê-me, dê-me,
Que uma vez não é pecado:
Uma brasinha de lume
P'ra acender o meu cigarro.

208
Ó meu amor, ama, ama
A quem trazes no sentido:
Não se me dá de ficar
Em faltas para contigo.

209
Ó, meu amor, anda, vamos
À Igreja dar a mão,
Tapar as bocas ao mundo,
Descansar meu coração.

210
Ó, meu amor, a quem deste
O teu lenço de pintinhas?
Em quem foste empregar
A amizade que me tinhas?

211
O meu amor, coitadinho,
Anda de costas voltadas;
Se tem dor de cotovelo,
Ponha-lhe urtigas pisadas.

212
O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado
Agora ninguém o ama...

213
O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pode viver, morreu...

214
Ó, meu amor, dá-me, dá-me,
Que levas na mão fechada;
Se a levasses aberta
Já te não pedia nada.

215
O meu amor é moleiro,
Coitadinho, dorme só:
Passa noites em *quelaro*,
Encostadinho à mó...

216
O meu amor é um santo,
Eu por santo o venero;
Se o chego a lograr
Nada mais do mundo quero...

217
O meu amor, esta noite,
Pela vida me jurou
Que se ia deitar ao mar:
Eu atrás dêle não vou...

218
Ó, meu amor, não embarques,
Olha que o mar não tem fundo:
É como o amor dos homens,
Que engana todo o mundo...

219
Ó meu amor não i'nores
De eu para ti não olhar:
Isto em mim são disfarces
Para o povo não falar.

220
Ó meu amor, não me deixes
Por nenhuma rapariga!
A ti não te hei-de deixar
Nem por quanto há na vida...

221
O meu cantar é de escárneo,
Bem me ouve quem m'entende;
Dê-me Deus habilidade
De comprar a quem me vende...

222
O meu amor e o teu
Andam naquela ribeira:
O meu anda à erva doce
O teu à erva cidreira.

223
O meu amor é ourives,
Já me deu uma aliança;
Eu já tenho quem me ame,
A-pesar-de ser criança.

224
O meu amor é um corno
Daqueles mais retorcidos:
Hei-de o pôr à janela,
P'ra convidar os amigos...

225
O meu peito é um relógio,
Coração dá badaladas;
Nos dias que t'eu não vejo
Trago-te as horas contadas.

226
Ó meu amor, se tu fôres
Ao tribunal das formosas,
Apega-te às trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas!

227
Ó, meu amor, tu que tens
Que me falas a doente?
Para mim falas tão triste
Para outros tão contente...

228
O meu pé ao pé do teu,
Minh'alma ao pé da tua;
Bailas tu e bailo eu
Sôbre as pedrinhas da rua.

229
Ó, minha caninha verde,
Ó minha verde caninha!
Não faças a tua cama,
Amor, deita-te na minha...

230
Ó, minha caninha verde,
Verde cana ricóco!
Quem me dera ricôcar
Contigo uma noite só!

231
Ó, minha caninha verde,
Ver'e cana ricôqueira!
Quem me dera ricôcar
Contigo uma noite inteira!

232
Ó, que rua tão escura!
Não vejo nada por ela:
Bem podias tu, menina,
Pôr candeias à janela...

233
Ó raparigas, ó moças!
Tôdas mo haveis de dar:
Dinheiro para o caminho
Qu'eu não levo que gastar...

234
O rouxinol quando canta
Mete o rabo na silveira;
Eu também metia o meu
Numa menina solteira...

235
O Sacadura Cebral
E mais o Gago Coutinho
Foram ambos a voar
Nas asas dum passarinho.

236
Os amores, hoje em dia,
São falsos como o melão:
Tem de se partir um cento,
Para se encontrar um são.

237
Os beijos que tu me deste,
Sem a tua mãe saber,
Toma lá, já não os quero,
Que já lho foram dizer...

238
Ó Senhor dos *Afelitos*,
Bem *afelito* 'stou eu!
Recebi um telegrama
Do amor que me morreu!

239
Ó Senhora da Saúde!
A vossa capela cheira:
Cheira a cravo, cheira a rosa,
E a flor de laranjeira.

240
Ó Senhora da Saúde,
Dai saúde ao meu irmão!
Eu prometo de lá ir
C'um ramo d'oiro na mão.

241
Ó Senhora da Saúde,
O caminho pedras tem!
Se não fizesses milagres,
Já cá não vinha ninguém.

242
Ó sepultura tirana,
Terra que me hás-de comer!
Já te podes alegrar
Qu'eu não tardo em morrer.

243
Os homens são como lobos,
Só lhes falta ter o rabo:
Aparecem às raparigas
Na figura do diabo.

244
Os meus olhos, de chorar,
Já nenhuma graça têm...
Eu tanto lhes, tenho dito
Que não chorem por ninguém!

245
Os olhos do meu amor
São duas Ave-Marias;
São rosários de amargura
Qu'eu rezo todos os dias.

246
Os olhos do meu amor
São duas continhas pretas,
Colhidinhas ao luar
No jardim das violetas.

247
O serpão é miudinho,
De miúdo cobre a terra;
Não tornas a ter amor
Tão leal como t'eu era.

248
O serpão é miudinho,
Não se pode atar aos molhos;
Amar a quem me não ama
É grande cegueira d'olhos.

249
Os teus beijos têm veneno,
Que matam quem fôr beijado:
Eu tenho muito desejo
De morrer envenenado...

250
O tocador da viola
É bonito e canta bem:
Amante das raparigas,
É o defeito que êle tem...

251
Ouvia gabar os beijos,
Dizer dêles tanto bem...
Um dia tive desejos
De os provar eu também...

252
Ó Vila Real alegre,
Província de Trás-os-Montes
Nos dias que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

253
Palmira, tu és um anjo,
Que nasceste para mim.
Olha qu'êste nosso amor
Só por morte terá fim.

254
Papel com qu'eu te escrevo
Sai-me da palma da mão,
A tinta sai-me dos olhos,
A pena do coração.

255
Passarinhos, que cantais
Às grades do Limoeiro!
Vós cantais em liberdade,
Eu canto prisioneiro.

256
Pega lá meu coração,
Retalha-o como ao marmelo:
Depois dêle retalhado
Verás o bem que t'eu quero.

257
Pinheiro, dá-me uma pinha!
Ó pinha, dá-me um pinhão!
Menina, dá-me os teus olhos,
Eu dou-t'ó meu coração...

258
Pomba branca vai pousar
À campá da minha amada!
Aquece com teu calor
Aquela terra gelada!

259
Por aquela serra acima
Vai um caminho seguido;
Adiante vão meus olhos,
Atrás me fica o sentido.

260
Por tempo tudo acaba,
Até o ferro batido.
Só nunca tem que acabar,
O amor para contigo.

261
Portugal todo inteiro
É uma meada d'amores:
Quem a quiser bem urdida
Venha à terra dos doutores...

262
Preguntei ao sol se viu,
À lua se percebeu,
Às estrélas se já viram
Coração igual ao meu.

263
Primavera, linda flor,
Com'ela não há iguais:
Primavera volta sempre
Mocidade não vem mais!

264
Procurei a paz no mundo,
Fui ao cemitério e vi
Um letreiro que dizia:
Não há paz senão aqui!

265
Pus-me a checrar ao pé d'água
Lágrimas de sentimento:
Uma voz me respondeu:
Nada cura como o tempo!

266
Pus-me a contar as estrélas,
Só a do Norte deixei:
Por ser a mais bonitinha,
Contigo a comparei...

267
Quando eu era pequeno
Não sabia o que fazia:
Mandaram-me ao azeite
E eu mijeji na almotolia.

268
Quando eu tomar amores
Há-de ser em Macieira:
Ou em baixo, ou em cima,
Ou no meio, ou à beira.

269
Quando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça:
É quando te hei-de amar:
Agora tenho preguiça...

270
Quando passares por mim
Deita os olhos ao chão:
Podemo-nos querer bem
E o mundo dizer que não...

271
Quando t'eu disse: adeus Pôrto,
Do alto de Vila Nova,
Bem podias entender
Que eu me vinha embora!

272
Quantas vezes, ó luar,
Com tuas mãos erguidinhas
Abençoaste do ar
Almas de amantes juntinhas!

273
Quem diz que o amor que custa,
De-certo que nunca amou;
Já amei e fui amado,
Nunca o amor me custou...

274
Quem me dera ser 'moreira
Carregadinha de amoras!
Quem me dera ser o santo
Do altar que tu adoras!

275
Quem houver de amar os homens
Há-de amá-los por dois modos:
Por diante mil carinhos
Por detrás figas para os olhos.

276
Quem houver de amar os homens
Há-de ter o pé ligeiro:
Há-de ter andar de galgo
E marrar de perdigueiro.

277
Quem me dera agora ver
Quem m'agora aqui lembrou:
O meu amor da minh'alma,
Que tão longe dêle estou.

278
Quem me dera cantar alto
Do alto que canta a rôla:
O meu amor não me ouve;
Se m'ouvisse melhor fôra...

279
Quem me dera ser a hera
Pela parede a subir:
Eu ia ter à janela
Do teu quarto de dormir.

280
Quem me dera tinta roxa,
Que a pena tenho-a eu!
P'ra escrever ao meu amor
Que de mim se esqueceu.

281
Qu'ria ser a violeta
Entre as silvas escondida;
Por tua mão ser cortada,
Em teu peito recolhida.

282
Rapariga, faz-te tumba
Qu'eu farei o corpo morto;
Quando fôr ao dar da terra
Dá um geitinho ao corpo...

283
Raparigas, cantai tôdas,
Ajudai-me um bocadinho:
Foi coisa que nunca vi
Melro só fazer o ninho...

284
Raparigas, cantai tôdas,
Guardai o que vosso é:
As que não cantam, nem dançam
Também lh'escorrega o pé...

285
Raparigas, dançai tôdas,
Dai voltinhas ao redor!
S'eu quiser dizer, bem sei
Qual de vós dança melhor...

286
Raparigas de Viade
São duras como o arame:
Não há machado que as corte
Nem rapaz que as engane.

287
Raparigas do meu tempo,
Cachopas da minha idade,
Fazei tôdas como eu:
Gozai-vos da mocidade...

288
Raparigas, tomai tento,
Cachopas, não vos fiéis!
Cantigas leva-as o vento
Cartas de amor são papéis.

289
Rosa branca, ganha cor,
Não sejas tão desmaiada,
Para que as mais não digam:
Rosa branca, não és nada!

290
Salsinha, olaré, salsinha,
Salsinha, olaré, meu bem!
Ainda não sabes, menina,
O gosto que a salsa tem...

290
O gosto que a salsa tem,
O gosto qu'ela teria;
Salsinha, olaré, meu bem,
Tu és a minha alegria!

291
Sant'Antônio dos porquinhos,
S. José dos carpinteiros,
Santa Luísa dos trolhas,
O diabo dos pedreiros.

292
Sapateiros, alfaiates
São um bando de ladrões:
Sapateiros roubam sola
Alfaiates os botões.

293
Sapateiros não são homens,
Alfaiates também não:
Onde chega o lavrador
Bate o pé e treme o chão!

294
S'as lágrimas fôssem pedras,
Que eu por ti tenho chorado,
Formariam um castelo,
No meio do mar sagrado.

295
S'a violeta nascesse
Em teu quarto perfumado,
Também meu amor nascia
Em teu coração gelado.

296
Se as saúdaes matassem
Muita gente morreria:
As saúdaes não matam
Senão no primeiro dia...

297
Se Coimbra fôsse minha
Como é dos estudantes,
Mandava-lhe pôr no meio
Um ramo de diamantes.

298
Se eu fôsse ladrão, roubava,
Roubava aquela menina:
Roubava a filha ao pai
Deixava-a desgraçadinha.

299
Seja novo, seja velho,
Esse teu belo tear
Leva um fio de saúdaes
Que sobressai a matar.

300
Semeei e não colhi,
Eu bem pudera colher:
Semeei os teus carinhos,
Não me quiseram nascer.

301
Semeei na minha horta
O brio das raparigas:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

302
Semeei no meu quintal
A semente do repolho:
Nasceu um velho corcunda
C'uma batata num olho.

303
Semeei no meu quintal
O brio das raparigas:
Nasceu uma rosa branca
Cercada de margaridas (1).

304
Semeei os teus carinhos
Ao redor dos pinheirais,
Só p'ra ver se m'esquecias:
Cada vez me lembras mais!

305
Senhora da Conceição,
És das Santas mais benditas,
Por teres o altar no peito
Destas môças mais bonitas...

306
Senhor mestre serralheiro,
Faça-me uma vara de aço,
P'ra bater nas raparigas,
Que não têm desembaraço.

307
Se o mar tivesse varandas
la-te ver ao Brasil;
O mar varandas não tem
Diz-me, amor, par'onde hei-de ir.

308
S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas!
Porque não casais as novas?
Que mal vos fizeram elas?

309
Se o meu amor me ouvisse,
Eu cantava todo o dia;
O meu amor não me ouve.
A quem fará companhia?

310
Se os beijos espigassem
Como espiga o alecrim,
Na cara das raparigas
Se formava um jardim...

311
Siga a rusga, siga a rusga,
Siga a nossa reinação!
O meu pai era da rusga,
Os filhos p'ra rusga são...

312
S'o Padre Santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Viria de Roma aqui
Cantar o fado também.

313
Sou alegre e vivo triste,
Morrerei duma paixão!
Eu desejo e não posso
Lograr o teu coração...

314
Sou filho duma viúva,
O meu pai morreu no mar;
Agora passo a vida
No terreiro a dançar.

(1) Cf. N.º 301.

315 *
Sou violeta nascida
Nas relvas do cemitério:
Desprezo os prazeres da vida
Pela sombra do mistério.

316
'Stou aqui à tua beira
A mais tu não me conheces:
Fui o primeiro amor
Que tu na vida *tivestes*.

317
'Stou cansado de viver,
Morte, leva-me de-prensa!
Quero esquecer toda a gente
Antes que toda me esqueça.

318
Suspiros e ais e dores,
Imaginação, cuidados,
É o manjar dos amores
Quando andam escamados.

319
Tendes o cabelo louro?
Dai-me dêle três pontinhas,
Para cordas de viola,
Que me quebraram as minhas.

320
Tenho à minha janela
O que tu não tens à tua:
Cravo roxo fechadinho
Viradinho para a rua.

321
Tenho dentro do meu peito
Coisa que não sei dizer:
Um bocadinho de amor
Que me faz endoidecer...

322
Tenho dentro do meu peito
Duas 'çucenas a abrir:
Uma diz que lute, ame,
Outra diz que te deixe ir.

323
Tenho dentro de meu peito
Uma flor p'ra ti, criança,
Qu'eu rego todos os dias
Com lágrimas sem esp'rança.

324
Tenho dentro do meu quarto
Uma mesinha de vidro,
Onde eu agora choro
Lágrimas d'arrepêndido.

325
Tenho passeado terras,
'Inda não fui ao Marão;
Tenho visto caras lindas,
Como a tua ainda não.

326
Tenho passeado terras,
Muitas mais passearei;
Tenho visto caras lindas,
Como a tua não achei.

327
Tenho-te dito mil vezes
Comigo não percas tempo;
Se tornares a teimar
É falta de entendimento.

328
Tenho tido saúdaes
De me tirar o comer;
Estas que eu agora tenho
São de cegar, e não ver.

329
Tenho um lenço de beijinhos,
Meu amor, para te dar;
Com quatro nós de ciúmes
Não se pode desatar.

330
Tens o coração de açúcar,
Só na água se derrete:
Dai-me um bocadinho dêle
Para o meu que se não seque.

331
Tens o coração de bronze,
Rebatido a martelo;
Pois o meu é de açúcar,
Para dar a quem eu quero.

332
Teus olhos, linda morena,
Que parecem dois carvões:
Quando olho para êles
Meu coração dá esticções.

333
Tôda a mulher que tiver
Um hominho pequeninho,
Deita-lhe as mãos às orelhas:
Dança aqui, meu macaquinho!

334
Tomaste novos amores
C'um amor que já foi meu;
Agora colhe-lhe a rama:
A felor colhi-lha eu.

335
Trago o aguilhão na vara,
Sinal de que sou toureiro:
Hei-de mercar uns tourinhos
Para lavar o lameiro.

336
Trago o meu coração prêso
C'um fio de ouro no bôlso;
Quero-vos dizer adeus,
Com saúdaes não posso.

337
Trago meu peito aberto,
Não acho retelhador,
Que me *chove* dentro dêle
Lágrimas do meu amor.

338
Três dias antes que eu morra
Hei-de ir visitar o adro:
Hei-de ir ver a sepultura
Onde hei-de ser enterrado.

339
Três dias 'steve lá morto
Sem seu pai, nem mãe saber:
Só o sabiam as águias
Que o iam lá comer.

340
Tua boca é tinteiro
A língua pena aparada,
Os olhos letra miúda,
A testa carta fechada.

341
Tuas mãos são pequeninas,
Teus dedos lindas *felores*,
Teus braços cadeias de ouro,
Com que se prendem amores.

342
Tudo o que no mar embarca
À barra do pôrto vem:
Tudo vejo vir à vela,
Só o meu amor não vem!

343
Tu és a minha alegria,
Tu és a minha paixão;
Salsinha, olaré, salsinha,
Salsinha do coração.

344
Tu foste ao S. Torcato
Nem uma prenda me deste;
Nem os mouros da mourama
Faziam o que tu fizeste.

345
Um dia que t'eu encontre
No meu quartô às escuras,
Não te há-de valer dizer:
Está quieto, amor, não bulas...

346
Vai de roda, vai de roda,
Vai de roda assim, assim:
Dá um geitinho ao corpo,
Vira-te agora p'ra mim.

347

Vai-te, carta venturosa,
Que lindos olhos vais ver!
Deves pôr-te de joelhos
Quando te fôrem a ler.

348

Vai-te, carta venturosa,
Responde, sabes falar;
Os olhos que te notaram
Estão fartos de chorar.

349

Vai-te, carta venturosa
Vai ter àquele jardim;
Pede licença, ajoelha,
Dá mil abraços por mim.

350

Viva o Gago Coutinho
E Sacadura Cabral!
For'o Brasil e vieram
Nas asas de um pardal!

351

Você diz que tem, que tem
Uvas na sua ramada?
Eu também digo que tenho
O meu amor em Lousada.

352

Vós chamais-me trigueirinha?
Isto é do pó da eira.
Se vós me *vires* ao domingo...
Sou um botão da roseira.
